

Revista Plan

EDIÇÃO #4
DEZEMBRO DE 2009

comunidade

Lixo vira riqueza nas
mãos de catadores

jovens

Comunicação muda a
vida de adolescentes

cidadania

Futebol feminino
ensina direitos

extrativismo empreendedor

Quebradeiras de coco do interior do Maranhão associam
práticas extrativistas tradicionais com visão de negócio
e sonham com um futuro mais digno para suas famílias

EDITORA
MOL



www.plan.org.br



Plan

www.plan.org.br

Plan Brasil

Diretor Nacional: *Moacyr Bittencourt*

Gerente de Programas: *Gualberto Aldana*

Gerente de Finanças: *Lisya Said*

Gerente de Recursos Humanos: *Suzy Veruschka*

Gerente de Construção de Relacionamentos:

Alexandre Lima

Gerente de Mobilização de Recursos: *Flavia Lang*

Coordenadora de Comunicação e Marketing:

Cristina Bodas

Escritório Nacional

Estrada da Batalha, 1200/38, Módulo 1,

Prazeres, Jaboatão dos Guararapes, PE,

CEP 54315-570

Tel. 81 2119-7575 / Fax 81 2119-7581

EDITORA

MOL

Diretor Executivo: *Rodrigo Pipponzi*

Diretora Editorial: *Roberta Faria*

Diretora de Arte: *Claudia Inoue*

Revista

Plan

Coordenação: *Amanda Rahra e Selma Rosa*

Reportagem e edição: *Maurício Monteiro Filho*

Revisão de texto: *Paulo Kaiser*

Design e ilustração: *Marília Filgueiras*

Produção: *Laura Sobenes e equipe Plan*

Fotos: *André Pessoa*

Tratamento de imagens: *Felipe Gressler*

Impressão: *Gráfica TypeBrasil*

Papel: *Reciclato 150 g (capa)*

e *Reciclato 120 g (miolo)*

Tiragem: *3 mil cópias*

No caminho da sustentabilidade

Um dos grandes programas da Plan Brasil para a melhora da atividade econômica das famílias em situação de pobreza é o Meios de Vida Sustentáveis.

O programa promove ações de apoio ao desenvolvimento sustentável das comunidades por meio da participação das famílias, chegando à valorização da atividade organizada da reciclagem de resíduos e do reaproveitamento da água em sistemas domésticos.

Em tempos de acaloradas discussões sobre mudanças climáticas, a Plan cumpre seu papel local de dinamizador do debate junto à sociedade civil.

Além disso, a Plan prioriza a liderança e o engajamento das mulheres, em uma clara orientação afirmativa de gênero,

fazendo chegar às extrativistas do coco babaçu meios que lhes garantam uma melhor organização na exploração de suas reservas e no processamento da matéria-prima, com maiores ganhos econômicos e ambientais.

Com base nos positivos resultados da cooperação com as organizações de extrativistas do coco babaçu na região das matas de Cocais, estado do Maranhão, a Plan está ampliando o suporte às associações de base.

Tais ações buscam garantir às futuras gerações — em especial às meninas — o aprendizado e a consolidação de uma atividade econômica promissora e ética, alinhada à consciência de uso sustentável dos recursos naturais.



Moacyr Bittencourt

Plan Brasil

Diretor Nacional

Quem somos

A Plan nasceu em 1937 para dar suporte a crianças afetadas pela Guerra Civil Espanhola. Hoje é uma das maiores ONGs internacionais de desenvolvimento, trabalhando com 1,5 milhão de crianças. Está presente em 66 países.

Como trabalhamos

A Plan aposta no desenvolvimento autônomo das comunidades em que atua. O enfoque principal são os direitos das crianças e dos adolescentes, considerados protagonistas desse processo.

Visão

A visão da Plan é a de um mundo onde todas as crianças realizem seu pleno potencial, em sociedades que respeitem os direitos e a dignidade das pessoas.

Missão

A Plan trabalha para conseguir melhorias duradouras na qualidade de vida das crianças menos favorecidas de países em via de desenvolvimento. Para isso, baseia-se em processos que unam pessoas de diversas culturas e acrescentem significado e valor a sua vida.

A Plan no Brasil

No Brasil desde 1997, a Plan está presente no Maranhão – nas regiões de São Luís e Codó – e em Pernambuco – em Cabo de Santo Agostinho e Jaboatão dos Guararapes. Os projetos da organização atendem mais de 75 mil crianças.

Mobilização de recursos

Sua participação é fundamental para manter nosso trabalho. Você pode contribuir de várias formas: doando, prestando serviços ou divulgando nossos projetos. Entre em contato!



Maranhão unido contra enchentes

As águas que inundaram o Maranhão no primeiro semestre de 2009 já baixaram, mas o trabalho da Plan nas comunidades afetadas continua. Depois do esforço emergencial de apoio às vítimas das enchentes na capital, São Luís, e nas cidades de Codó e Timbiras, a organização está adotando uma nova linha de atuação, focando a prevenção e a busca de estratégias para mitigar os efeitos das inundações. Em Codó, por exemplo, a Plan iniciou um projeto com previsão de duração de dois anos. “Vamos dialogar com a comunidade para definir como agir e para onde ir caso as enchentes venham a ocorrer de novo”, afirma Conceição Carvalho, consultora da Plan.

Boleiros pelo fim da violência

O mais novo reforço da campanha da Plan Aprender sem Medo, contra a violência nas escolas, veio direto do estádio do Morumbi. Seis atletas e Marco Aurélio Cunha, superintendente de futebol do time do São Paulo, vieram a público manifestar seu apoio à iniciativa da entidade. A ação agora conta com um time de contra-ataque ao *bullying* composto por Dagoberto, Rodrigo, Jorge Wagner, Miranda, Hernanes e Washington.

Além deles, Cunha, que também é vereador pela cidade de São Paulo, promete reforçar as ações do clube em apoio à educação e garante suar a camisa em nome da campanha.



Publicidade da Plan é premiada

A campanha de marketing direto da Plan vem ganhando destaque no cenário da publicidade da América Latina. A ação, intitulada Aninha e Rita e produzida pela agência e|ou, acaba de faturar o troféu ouro no prêmio Amauta, organizado pela Associação de Marketing Direto da América Latina (Almadi). A premiação é a mais prestigiada do segmento na região. Além disso, Aninha e Rita foi uma das finalistas na categoria El Ojo Directo, de campanha integral de marketing direto da 12ª edição do festival El Ojo de Iberoamerica.



A woman wearing a white headscarf and a striped tank top is leading a light-colored donkey. The donkey is carrying a large, woven basket on its back. The woman is also carrying a long wooden staff over her shoulder. They are walking through a field of tall, dry grass. In the background, there is a dense forest of palm trees under a blue sky with scattered clouds. An orange circular graphic is positioned in the upper left corner of the image.

MULHERES

Guerreiras do babaçu

Atividade tradicional do extrativismo do babaçu na região dos cocais do Maranhão garante sustento e vida digna para quebradeiras de coco



A rotina de extrativista começa cedo. “Tem companheira que, às 8 horas, já tem 1 kg de coco quebrado”, diz Jecilene Sobreiro



Jecilene de Souza Sobreiro é uma “viúva de marido vivo”. Assim são chamadas as mulheres que ficam distantes de seu esposo por meses, enquanto eles trabalham nas lavouras Brasil afora. Dessa vez, é a cana-de-açúcar que deixa Jecilene sozinha cuidando dos dois filhos, um menino de 8 anos e uma menina de 3.

Para piorar a situação, o marido dela está em Ulianópolis, no Pará, na fazenda que foi alvo da maior libertação de escravos da história do país: foram retirados de uma só vez 1 064 trabalhadores da propriedade, em 2007. Ele manda notícias e dinheiro de vez em quando. “É quase nada, mas ajuda”, diz Jecilene.

Enquanto a falta de alternativas obriga o esposo a migrar, Jecilene vem garantindo a maior parte da renda da família, com o extrativismo de uma espécie nativa, sem ter que se distanciar dos filhos.

Como inúmeras mulheres de Timbiras, cidade maranhense no coração das matas de cocais, onde a palmeira de babaçu é abundante, Jecilene é quebradeira de coco. E está orgulhosa. “Fazer isso não é vergonha para nós. É uma cultura, uma herança”, declara ela.

Mais do que nunca, as extrativistas de Timbiras entendem o valor de seu trabalho. E o suporte fornecido pela Plan tem sido decisivo para que a quebra do coco se torne mais rentável.

Através de convênios com as associações locais de quebradeiras – somente em

Timbiras, são dez –, a organização vem ajudando as mulheres a agregar valor à exploração da amêndoa – produto da quebra do coco do babaçu, que era a única fonte de renda das extrativistas antigamente. Hoje, já se produzem azeite, chocolate, biscoito, geleia e detergente, entre outros.

O desafio atual é desenvolver a capacidade de beneficiamento para produzir todos esses itens em escala. Para isso, as extrativistas de Timbiras já dispõem de R\$ 80 mil para a construção de uma unidade de processamento, para a extração de óleo de babaçu da amêndoa, e de uma fábrica de sabão e sabonete. As obras já começaram.

Com isso, a expectativa das mulheres está em alta. “Tenho orgulho de ser quebradeira porque agora a gente sabe aproveitar os subprodutos do babaçu. Nossa vontade é que todas as extrativistas aprendam a agregar valor”, diz, entusiasmada, Maria de Fátima Almeida, presidente de uma das associações de Timbiras.

Em termos de preços, investir nos produtos beneficiados pode significar um incremento significativo na renda das quebradeiras. Atualmente, 1 kg de coco vale entre R\$ 0,90 e R\$ 1, mas pode cair até R\$ 0,60. Enquanto isso, o litro de óleo chega a R\$ 4,50. Dessa forma, com a construção das novas unidades, elas esperam elevar os ganhos médios, atualmente de R\$ 150, para um salário mínimo, R\$ 465.

Para chegar a uma vida mais digna, elas tiveram que começar sonhando pe-

Preservar os babaçuais é garantir o sustento das gerações futuras



As rodas de quebra de coco, além de servirem como ponto de união das mulheres, são momentos de fortalecimento da cultura local

queno. Iracilda Soares, promotora comunitária da Plan, que acompanha o projeto desde seu início, no começo de 2007, recorda o tempo em que os horizontes das quebradeiras eram mais modestos. “No início, as associadas queriam apenas uma sede para fazer suas reuniões. Mas depois fomos amadurecendo e pensando em unidades de beneficiamento e máquinas”, diz.

Essa evolução contou com a participação ativa das quebradeiras na redação de cada linha do projeto. E o conhecimento foi se fortalecendo por capacitações moldadas segundo as necessidades delas. Afinal, quando o sonho começou a se tornar empreendimento, era necessário que as mulheres estivessem aptas a administrar recursos e negociar preços, habilidades que foram transmitidas por oficinas ministradas pela Plan.

Para Iracilda, o papel da organização

é fornecer suporte, mas sem ignorar que as quebradeiras realizam esse trabalho tradicionalmente e são as verdadeiras senhoras de seus sonhos.

É o caso de Áurea Maria da Silva, extrativista de Codó, cidade vizinha de Timbiras. Ela quebra coco desde os 9 anos de idade e hoje preside uma das antigas associações do município, fundada em 1987. A entidade começou com 38 associados – a maioria mulheres, mas há homens também – e já conta com 270 pessoas. Na cidade, a Plan apoia mais de 40 associações como essa.

Para melhorar a vida de sua família – tem dois filhos, um de 15 anos e uma de 2 –, Áurea faz de tudo. Hoje, equilibra-se entre o trabalho como auxiliar de serviços gerais de um posto de saúde da cidade e a atividade de quebradeira. Mas tem a percepção clara de que sua fortuna

está nos babaçuais. “Aqui, nós não temos ouro. O nosso é o babaçu”, diz ela, que leva ouro até no nome.

O extrativismo do babaçu fez com que Áurea e suas colegas entendessem também que seu sustento depende do ambiente onde vivem. E isso exige manter as palmeiras de babaçu – que crescem naturalmente e não são plantadas – de pé. “A gente falta é chorar quando chega numa roça e vê os homens derubando as árvores, com cacho e tudo”, emociona-se Maria de Fátima.

Recentemente, diante de uma cena como essa, elas orientaram os desmatadores a parar o que faziam ou denunciariam o caso às autoridades. E conseguiram interromper a devastação. Mais uma vitória das guerreiras dos cocais maranhenses, que geram renda e dignidade a cada coco de babaçu que quebram. ●



Ouro que vem do lixo

O que a população descarta vira ouro nas mãos batalhadoras de Efigênia e dos participantes do projeto de gestão de lixo desenvolvido pela Plan nas cidades de Codó e Timbiras, no Maranhão

Para Maria Luzia de Oliveira Santos, não existe tempo ruim. Faça chuva ou faça sol, todo santo dia ela está em seu escritório – o lixão da cidade de Codó, cidade na região dos cocais do Maranhão – logo nas primeiras horas da manhã. É dali que retira seu sustento e não tem vergonha nenhuma disso. “Tudo que jogam fora, a gente aproveita” diz. Para ela, lixo é riqueza, e aquele lixão, um verdadeiro garimpo. “Tenho até um cordão de ouro que encontrei lá”, conta ela.

Até seu nome foi garimpado: só depois de crescida, Maria Luzia descobriu que era assim que tinha sido batizada. Até então, só era chamada de Efigênia, que mesmo hoje acha muito mais bonito.

Efigênia trabalha com outros 31 catadores no lixão, sobrevivendo da venda de plástico, papelão, alumínio e qualquer outra preciosidade encontrada entre os resíduos. E, com a ajuda do projeto de gestão de lixo desenvolvido pela Plan, está mudando a opinião dos codoenses sobre sua profissão. “Antes, ninguém ligava pra gente. Hoje, já nos olham com outros olhos”, relata.

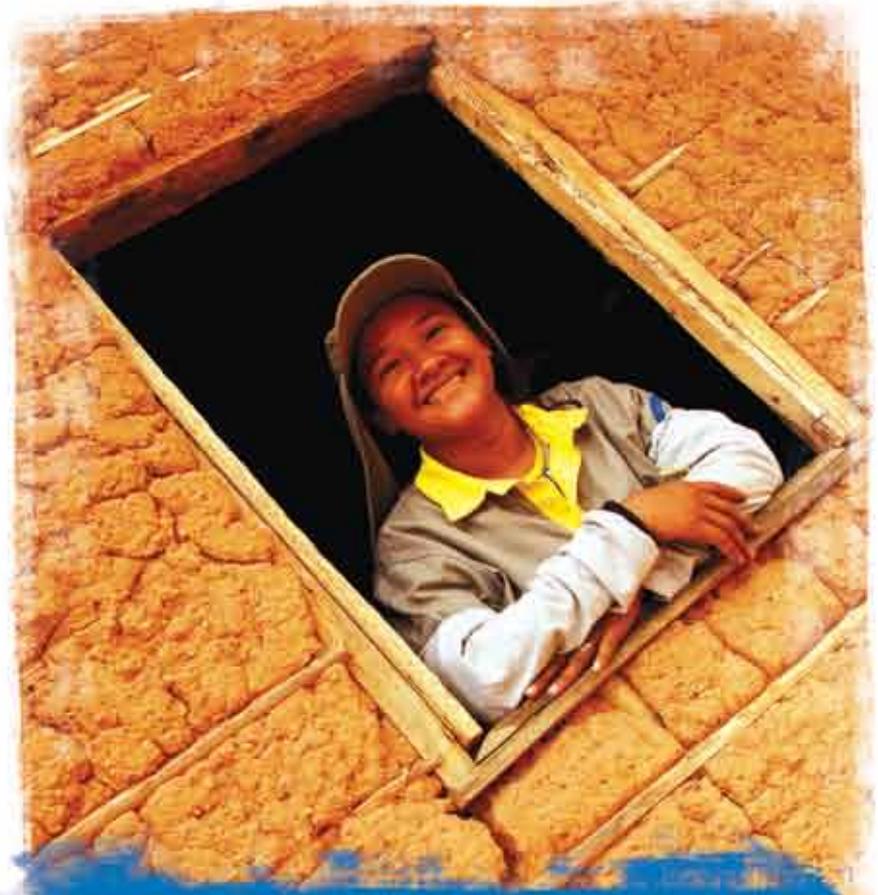
Mãe de duas filhas, ela trabalha no lixão há nove anos. Porém foi há cerca de dois anos e quatro meses, quando iniciou o projeto, que sua vida, e a de seus colegas, deu um salto de qualidade.

“Nossa vontade é que, pelo cooperativismo e associativismo, possamos mudar a realidade desses catadores”, explica Sílvia Santos, promotora da Plan responsável pelo projeto, que também abrange

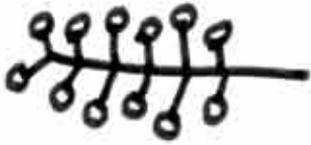
a cidade vizinha de Timbiras. Para isso, a instituição promove oficinas, realiza pesquisas de mercado para garantir compradores para o lixo coletado e diagnósticos sobre a situação dos aterros. Além disso, distribui equipamentos para garantir a segurança e a saúde dos trabalhadores.

O ideal da Plan é que a população

se conscientize para os benefícios da coleta seletiva. Enquanto isso, a organização comemora resultados significativos. “Quando começamos o trabalho, identificamos que as crianças estavam se alimentando do lixo. Mas, com palestras e conversas com os pais, isso já diminuiu muito”, aponta Sílvia. ●



Efigênia, ou Maria Luzia, em sua casa, que fica na rua do lixão em que trabalha. Com voz doce, ela garante a união dos catadores de Codó



Clima de mudança

Projeto Ambiental: Faça Contato, Seja a Diferença na Mudança Climática leva a temática para dentro das salas de aula de Pernambuco e Maranhão

Natália Belchior assistiu às imagens do furacão que recentemente devastou El Salvador, país da América Central, preocupada com alguns de seus familiares, que moram lá.

Rapidamente, porém, lembrou-se do que aprendeu na escola sobre a relação entre as catástrofes naturais e as transformações que o clima do planeta vem sofrendo.

Esse raciocínio só foi possível porque Natália é uma das participantes da iniciativa da Plan de abordar o tema em salas de aula no Maranhão e em Pernambuco.

A ação é uma parceria da instituição com o Museu de Liverpool e envolve alunos de 12 países. “Promovemos o contato entre jovens de diferentes culturas para que eles relatem como veem essas mu-

danças”, esclarece Ronaldo Silva, promotor comunitário da Plan em São Luís.

No Brasil, participam do projeto, além de 40 alunos da escola de Natália, na periferia de São Luís, outros 41 do colégio Jandira de Andrade Lima, na cidade de Limoeiro, localizada a 87 quilômetros de Recife. Todos os participantes frequentam a 7ª série.

A iniciativa da Plan rendeu o primeiro lugar à escola Jandira de Andrade Lima num prêmio concedido pela Gerência Regional de Educação do Vale do Capibaribe. E o projeto foi apresentado numa mostra de experiências pedagógicas bem-sucedidas. “É muito importante esse reconhecimento do governo porque demonstra o impacto social e educacional

de nosso projeto para a preservação ambiental”, avalia Charles Martins, assessor nacional de educação da Plan Brasil.

Além disso, está sendo realizado um intercâmbio entre as duas escolas participantes, através de dois seminários sobre mudanças climáticas. O primeiro deles ocorreu em Recife, em 25 de novembro, e Natália foi selecionada entre os alunos do Maranhão para relatar sua experiência.

Em dezembro, será a vez de Antônio Jorge do Vale, de Limoeiro, ir até São Luís. O aluno parece um professor quando fala de meio ambiente e, além de cuidar da cidade, está deixando Limoeiro mais bonita: transformou o aprendizado sobre mudanças climáticas em obra de arte, que agora embeleza os muros da escola. ●



Antônio Jorge foi o escolhido para representar sua escola, em Limoeiro (PE), num seminário sobre mudanças climáticas em São Luís (MA)



CIDADANIA

Futebol feminino é atrativo para conscientizar mulheres sobre sua cidadania e seus direitos

Coisa de mulher, sim

Equipes de futebol feminino apoiadas pela Plan levantam a bola das mulheres de Codó (MA), que ganham de goleada na luta por cidadania e igualdade de direitos

Um grupo de meninas bate à porta da casa de Luzia de Souza. Elas pedem uma bola para praticar a diversão preferida das meninas de Codó, no interior do Maranhão: jogar futebol. Não há pessoa mais indicada para atender ao pedido. Luzia é técnica – apesar de preferir ser chamada de “ajudante” – e a maior referência no esporte por ali.

A “mãezona” das praticantes de futebol feminino – e de um filho de 4 anos – recorda o tempo em que elas não tinham traves para jogar. “A gente pegava pau de cerca emprestado, mas os meninos quebravam”, lembra. Com garra e uma dose de sangue quente, Luzia e suas colegas inverteram a situação.

Quando, dois anos atrás, a Plan decidiu apoiar o futebol feminino em Codó, a determinação de mulheres como Luzia foi fundamental. O esporte era apenas um fator agregador na luta contra o machismo e o preconceito. Foi através do futebol que a Plan pôde sensibilizar as mulheres codoenses para temas importantes, como sexualidade e violência

doméstica, através de oficinas temáticas.

O projeto envolve nove comunidades, mobilizando cerca de 250 pessoas – entre participantes e voluntários. São dez times – quatro da zona rural e seis da zona urbana. As atividades estavam previstas para se encerrar em julho de 2010, mas o sucesso é tamanho que a iniciativa será prorrogada em três anos. Além disso, nesse período, o projeto será estendido a Timbiras, vizinha a Codó, e à capital, São Luís. “Ao trabalharmos direitos e saúde femininos, os homens passaram a entender que mulher não é uma subalterna, mas um par”, afirma Célia Bonilha, gerente da Plan em São Luís.

Cria antiga do projeto, Cleudiane Moreira, conhecida como Sereia, é uma centroavante que economiza nas palavras, mas não nos gols. No bairro de Nova Jerusalém, em Codó, onde ela mora, a pelada dos meninos só começa quando o treino das meninas termina. E, para garantir que continue sendo assim, Sereia já sabe o que vai ser quando crescer: professora de educação física. “Para ensinar as meninas a jogar futebol”, justifica. ●





INCLUSÃO

Terapia comunitária propõe a resolução de conflitos por meio de rodas de conversa

Abraço comunitário

Metodologia empregada pela Plan no resgate de vínculos auxiliará adolescentes em conflito com a lei na região metropolitana de Recife

Um abraço. É por esse simples gesto que a Plan pretende reinserir na sociedade os adolescentes em conflito com a lei de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana de Recife. “As pessoas (*envolvidas nessas situações*) param de se abraçar. São coisas do cotidiano que se perdem”, diagnostica Luciana Reis, promotora comunitária da entidade.

Para restaurar esses vínculos perdidos, a Plan, em parceria com o Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE) e a Fundação de Atendimento Socioeducativo (Funase), pretende aplicar uma metodologia com que já tem bastante experiência: a terapia comunitária. “Estamos interessados em um trabalho de fortalecimento de laços

sociais e familiares com foco nesses jovens. E a Plan tem esse histórico”, aponta Denise Silveira, psicóloga da Coordenadoria de Infância e Juventude do TJPE.

A terapia é uma ferramenta que promove rodas de conversa entre parentes, amigos e vizinhos para a reflexão sobre temas variados. A experiência da Plan na área começou com ações em nove comunidades da região metropolitana de Recife focadas na questão infantil.

O projeto terá início em fevereiro de 2010 e durará um ano. Serão acompanhados nas rodas os adolescentes em conflito com a lei, sua família, pessoas de suas comunidades e até os funcionários da unidade de internação. Ao todo, o projeto atingirá cerca de 60 jovens.

A iniciativa será um piloto para testar a eficácia da metodologia nesse tipo de situação. “Sabemos que há resultados positivos, mas eles ainda não estão sistematizados. Queremos fazer isso para defender o uso da terapia comunitária com mais propriedade”, analisa Denise.

Responsável pelo projeto, Luciana avalia que a estratégia visa principalmente erradicar o preconceito contra esses jovens. “Quando os adolescentes vão para as unidades de internação, a história se espalha na comunidade. A família toda acaba discriminada. Por isso, é preciso trabalhar com ambos para não haver essa segregação. Trabalhamos toda a rede social para reinserir esse adolescente”, pontua ela. ●



Com a boca no mundo

Ao usar a comunicação na promoção dos direitos de crianças e adolescentes, projeto Pelo Direito de Comunicar resgata a autoestima de jovens em Cabo de Santo Agostinho e oferece perspectivas a quem já tinha perdido a esperança

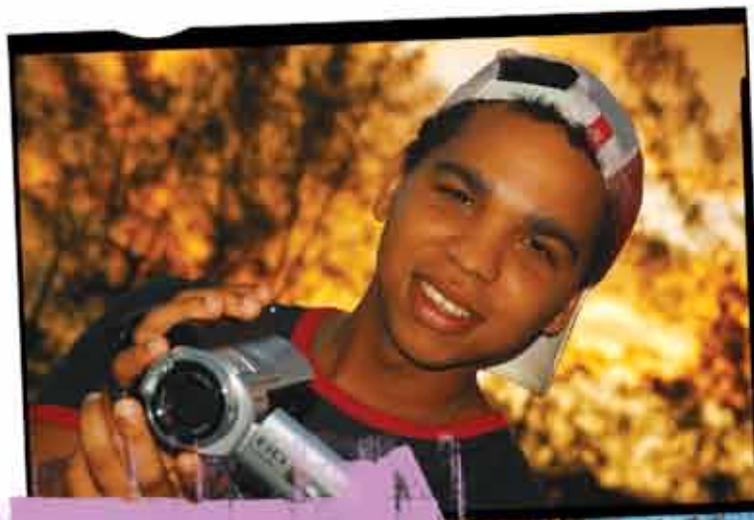
Quem ouve Denilson Santos de Santana contar sua história nem imagina que ele passou por problemas de aceitação na escola. No início do colegial, foi alvo de *bullying* por parte dos colegas. Hoje, com 18 anos, articulado e comunicativo, tira de letra o passado. “Superei-me e mostrei que sou o que sou. As pessoas que me excluía já até tiveram aulas comigo”, relata.

Denilson é monitor do projeto Pelo Direito de Comunicar, promovido pela Plan em sete comunidades de Cabo de Santo Agostinho, região metropolitana de Recife. “Usamos a comunicação como uma ferramenta para a promoção de direitos”, conta Astrogildo Júnior, da Plan, coordenador do projeto há cinco anos.

São oferecidas sete oficinas temáticas, como fotografia e teatro. Assim, o Pelo Direito de Comunicar atinge 160 jovens, de 12 a 17 anos.

Frequentar os cursos oferecidos pela Plan foi fundamental para que Denilson superasse a exclusão. Hoje, ele dá aulas com base nos conhecimentos que recebeu e atua como um multiplicador.

Seu envolvimento foi tamanho que, atualmente, ele recebe apoio de outras instituições para desenvolver trabalhos relacionados à comunicação. Num deles, junto com colegas, produziu um documento sobre sua comunidade. “As pessoas diziam que éramos só meninos, mas hoje respeitam”, diz Denilson.



Denilson (acima) e Wilamis (abaixo) usam a comunicação para superar a exclusão e desenvolver novas habilidades

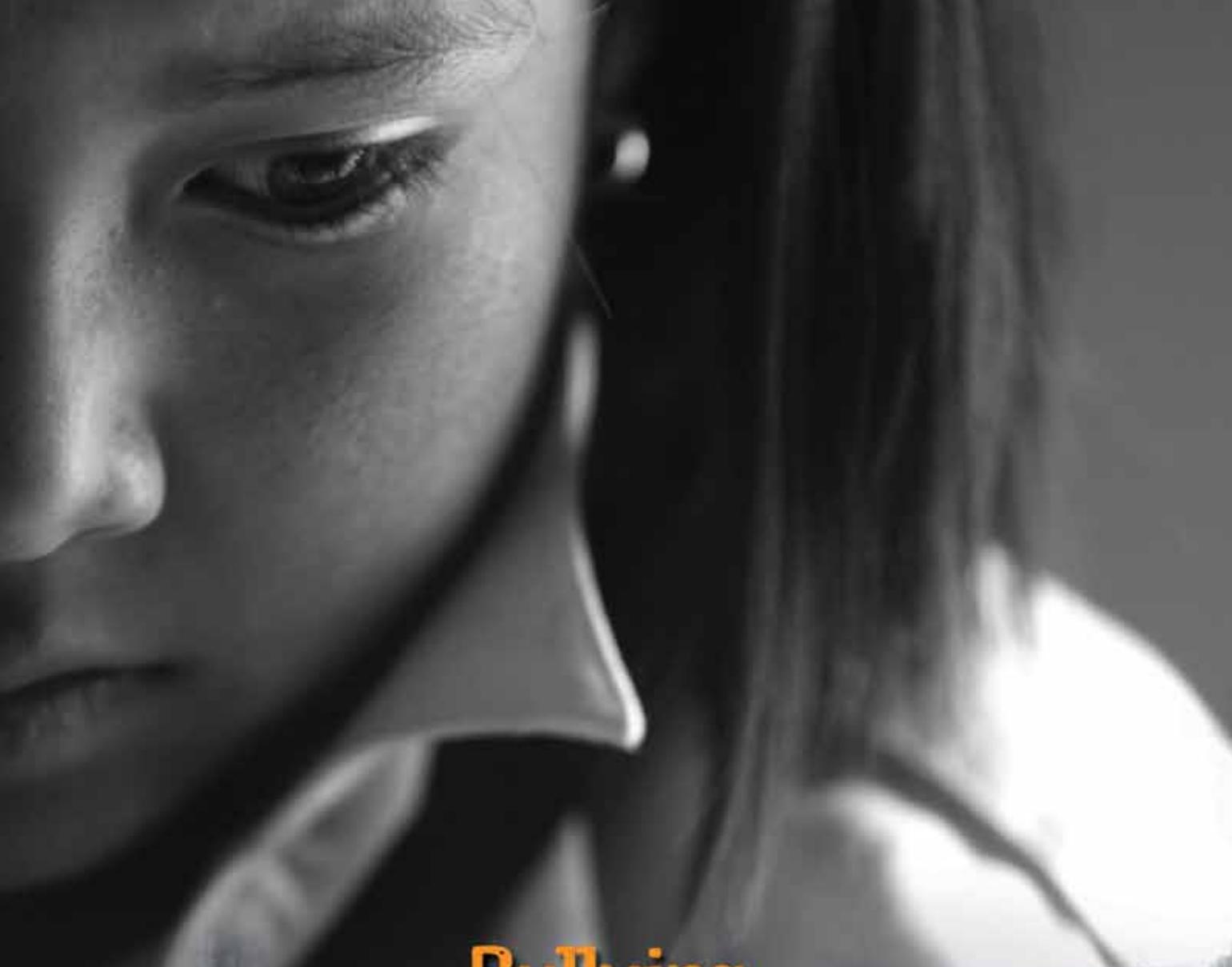


Por sua trajetória, ele é um exemplo a ser seguido por gente como Wilamis Alves de Freitas, 20 anos. Participante do projeto desde o início de 2009, o jovem conta que os cursos ministrados no Pelo Direito de Comunicar lhe dão perspectiva. E essa era uma palavra distante de seu vocabulário, na época em que esteve envolvido com crimes como tráfico de

drogas e porte ilegal de armas. Chegou a ser preso em três ocasiões.

Mas sua realidade mudou bastante. “Tenho certeza de que saí dessa vida porque agora ocupo minha cabeça com esses cursos legais, que vou poder usar no futuro”, pontua Wilamis, que, com o Pelo Direito de Comunicar, ganhou também o direito de ter futuro. ●





Bullying. Isto não é uma brincadeira.

Combater a violência nas escolas é o primeiro passo para garantir uma educação de qualidade em um ambiente seguro. Afinal, o **bullying** atinge hoje quase 1 milhão de crianças em todo o mundo, causando graves danos ao aprendizado e provocando feridas que podem levar longos anos para cicatrizar.

Por isso, a **sua participação é fundamental**. Juntos, podemos garantir que muitas crianças possam ir à escola sem medo ou ameaça de violência.

Participe. Divulgue essa ideia. www.plan.org.br



**Aprender
sem medo.**